

8. SÉRIE TEMPORAL DA MORTALIDADE POR CÂNCER DE MAMA E COLO UTERINO: BRASIL E RIO DE JANEIRO 1996 A 2007

Keitt Martins Santos¹; Raíla de Souza Santos²; Enirtes Caetano Prates Melo³

INTRODUÇÃO: No Brasil o câncer encontra-se entre as primeiras causas de óbito em todas as macrorregiões ao lado das doenças do aparelho circulatório, causas externas, afecções perinatais e doenças infecciosas. O câncer de mama apresenta aumento em relação à sua incidência e ao número de óbitos entre as mulheres. O câncer cérvico uterino apresenta aproximadamente 500 mil casos novos por ano no mundo, o que corresponde a cerca de 15% de todos os tipos de cânceres femininos. Constituem respectivamente, o primeiro e o segundo tipo de câncer mais comum entre a população feminina no Brasil com exceção do câncer de pele não melanoma. As estratégias para controle enfrentam problemas que afetam desde mecanismos de formulação de políticas, até a mobilização da sociedade, incluindo organização e desenvolvimento das ações e serviços e atividades de ensino e pesquisa. **OBJETO:** Mortalidade por câncer de mama e colo uterino no Brasil. **OBJETIVO:** Analisar através da série temporal a evolução da taxa de mortalidade por câncer de mama e do colo uterino no Brasil. **MÉTODO:** Estudo ecológico apresentando série histórica dos óbitos de mulheres com diagnóstico de câncer de mama e colo uterino explorando o Sistema de Informação sobre Mortalidade – SIM. Para o cálculo das taxas de mortalidade os denominadores foram estimados a partir da média das populações dos Censos Demográficos de 1996-98, 1999-01, 2002-04 e 2005-07. Foram confeccionados mapas de fluxos que permitem visualizar o local de residência e o local do óbito. **RESULTADOS:** O período compreendido mostrou tendência de aumento da mortalidade por câncer de mama. O Rio de Janeiro registrou as maiores taxas de mortalidade (55,41 - 55,64 - 56,42/100.000 mulheres), seguido por Rio Grande do Sul (47,67 - 49,95 - 52,94/100.000) e São Paulo (42,42 - 43,77 - 44,36/100.000). Das 27 unidades da federação, 25 registraram aumento da taxa com destaque para: Espírito Santo (aumento de 10%), Mato Grosso do Sul (aumento de 9%) e Sergipe (aumento de 8%). As maiores taxas de mortalidade por câncer do colo do útero foram registradas em Sergipe, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Rio de Janeiro e Amapá. A série temporal do câncer do colo uterino também registrou tendência de aumento da mortalidade em 16 das 27 unidades da federação. Com destaque para Sergipe e Piauí (aumento de 8%), Rondônia e Tocantins (aumento de 7%) e Ceará (aumento de 6%). Declínio expressivo da taxa foi registrado apenas na UF do Amapá (de 22,05 para 13,52/100.000 mulheres). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A série temporal mostrou um aumento das taxas de mortalidade por câncer de mama e colo do útero. A mortalidade atua como indicador de desempenho para avaliar a qualidade do acesso aos serviços de saúde, pois o câncer de mama e colo de útero se diagnosticados

precocemente possuem elevado potencial de tratamento e cura. O estudo apontou para a necessidade de adoção de um conjunto de políticas públicas voltadas para a Saúde da Mulher de forma a viabilizar o seu acesso aos serviços de saúde, melhorar a qualidade da assistência visando à identificação precoce destas neoplasias com conseqüente impacto na morbimortalidade. Considerando que uma questão fundamental para o planejamento do cuidado em saúde é a distribuição no espaço geográfico dos serviços bem como a acessibilidade aos mesmos, o mapeamento da rede de saúde aprofunda a discussão do contexto da realidade sanitária identificando e propondo ações para o atendimento da população de forma equânime.

Descritores: Neoplasias da mama; Neoplasias uterinas; Mortalidade

¹ Enfermeira. Mestranda da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO. martinskssbb@yahoo.com.br

² Graduanda de Enfermagem, Bolsista PIBIC - CNPq. Aluna da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. raila_lila@hotmail.com

³ Enfermeira Doutora em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública - FIOCRUZ. Professora Adjunta III do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. enirtes@globo.com